**LGBTQIAPN+: Vamos fortalecer esse MOVIMENTO**

**Ana Rosa Carvalho de Oliveira¹**

**Simone Cristina Silva Simões²**

¹ Universidade Federal do Norte do Tocantins, UFNT. E-mail: ana.oliveira@ufnt.edu.br

² Faculdade Católica Dom Orione, FACDO. E-mail: simonesimoespsi@gmail.com

1. **Resumo**

O fortalecimento do movimento é pensado de uma forma de compartilhar momentos, existências e vivências, assim, nessa perspectiva viabilizar espaços e mobilizar para as discussões em torno da diversidade, é umas das formas de permanência na universidade. Priorizando uma prática participativa e na ideia de construção de redes de apoio, esse projeto vai de encontro com a necessidade de um ambiente universitário mais acolhedor, para com as pessoas LGBTQIAPN+, mesmo que ainda seja seminal esse processo de reconhecimento das identidades de estudantes nesse espaço educacional. Assim, nos apresenta um mobilizações internas, que viabilizem esse espaço de discussão para a comunidade acadêmica, como forma de pertencimento desse lugar, que fortalece a existência das pessoas nesse espaço.

**Palavras-chave:** LGBTQIAPN+, Coletivo LGBTQIAPN+ Bruna Brasil, Permanência simbólica, Diversidade, Universidade.

1. **Introdução**

A universidade é um ambiente educador na qual ainda é necessário avanços em diversos aspectos, sobretudo socioculturais. Bortolini e Vianna (2022, p 2218) apontam o acontecimento da discussão sobre diversidade sexual e, por isso“[...] é necessário superar o sexismo, o machismo e a lgbtfobia na escola como barreiras à garantia do direito à educação de mulheres e LGBT+[...]”. Assim a participação e construção da educação voltada para o gênero e diversidade sexual vem de encontro com pautas de movimentos sociais organizados como associações, organizações e coletivos ativistas é fundamental para a agenda educacional.

Pensar em uma educação “focada não na padronização de comportamentos, mas na reflexão crítica, na autonomia dos sujeitos, na liberdade de acesso ao conhecimento, no reconhecimento das diferenças e no enfrentamento a toda forma de discriminação e violência [...]” (Bortilini e Vianna, 2022, p. 2224) faz refletir sobre essa educação em diferentes esferas pertinentes às questões de gênero e sexualidade na escola, sob a perspectiva de valorização da diversidade, combate à desigualdade e promoção de direitos humanos. Dessa forma por meio de ferramentas de acolhimento esse projeto visa acolher e escutar pessoas que se identificam como LGBTQIAPN+.

Cordioli (2009, p. 39) apresenta instrumentos de comunicação que faz com que de fato haja uma comunicação afetiva entre as pessoas que estão no grupo, baseando nisso, os aspectos que serão observados dentre eles falar se preocupando em ser compreendido, ouvir e procurar compreender o real sentido do que está sendo falado, estar aberto a trocas de ideias, assegurar um ambiente sem interferências, estar atento às atitudes, consolidar o relacionamento e desenvolver a empatia. Dessa forma, de rodas de conversas, em processo socializador, com mediação das pessoas envolvidas na execução do projeto.

A extensão é um dos tripés de ação das universidades públicas e elemento constitucional estabelecido no artigo 207 da Constituição Federal, aliando-se às atividades de pesquisa e ensino (Brasil, 1988), e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), artigo 43, afirmando o dever institucional com o território e as pessoas que o constituí, a partir do desenvolvimento de tecnologias e reflexões produzidas em seus muros. É também ponto de relação com a comunidade, pois, a formação precisa corresponder à realidade local, para que a mesma absorva seus/as egressos/as.

Adiante, assumindo a diversidade acadêmica, o presente projeto visando trazer luz às expressões de gênero, como identidade e orientação sexual. Esses são conceitos da sexualidade, aqui entendida como categoria sociocultural, a forma como corpos se comportam em relação aos desejos e afetos, com o mundo e consigo, expressando-se objetivamente a partir de reflexões e condicionamentos subjetivos, construído e modificado na e para as relações humanas (Chauí, 1994; Simões, 2020).

Hegemonicamente, a sexualidade deve ser controlada por rótulos de pretensas normalidades, pondo à margem toda expressão que acuse suas fraturas. Portanto, um discurso que diferencia existências entre normal e patológico dá abertura à naturalização de violências, e, consequentemente, ao apagamento social. Esse projeto, portanto visou trazer experiências de movimento social da comunidade LGBTQIAP+ trabalhando o acolhimento, a partir de grupos educativos de modo a refletir sobre os problemas enfrentados dentro e fora da universidade e aproximar a comunidade acadêmica dessa discussão, sendo mediado por uma profissional da Psicologia, sensível às interseccionalidades de raça, gênero e classe, no entendimento que a vulnerabilidade aumenta ao percorrer mais fatores sociais, com apoio de recursos externos, como clínicas-escola.

1. **Objetivos**

O objetivo geral do projeto foi de acolher e viabilizar ambiente seguro para a escuta de pessoas, interna e externa a comunidade acadêmica, que se identificam como população LGBTQIAPN+ trabalhando direitos sociais para com elas.

Para tal, valeu-se dos presentes objetivos específicos:

- Identificar a população, interna e externa a universidade, que se identifica como diversa e LGBTQIAPN+, proporcionando sensibilização sobre direitos, saúde e educação, indo de encontro com a saúde e o bem-estar, trabalhando a saúde mental dessas pessoas e viabilizando uma educação de qualidade.

- Acolher essas pessoas, viabilizando espaços seguros de conversa e de escuta, fortalecendo as discussões de igualdade de gênero, uma vez que esse grupo envolve pessoas que se identificam como mulheres, dando um aporte para as discussões de equidade no ambiente educacional.

- Construir e estabelecer relações com o movimento LGBT das cidades de Araguaína e Tocantinópolis.

1. **O Fortalecimento**

A permanência universitária perpassa a permanência material, onde se desenvolve a permanência simbólica. Dyane Brito Santos (2009) defende em sua tese que para além da permanência material, existe a permanência simbólica na universidade, pensado em uma permanência estudantil qualificada. Dessa forma, ao pensarmos nessas discussões, e principalmente apresentar a esse grupo que está difuso, porém desarticulado e desmobilizado, pelas marcas de homo, bi e transfobia, que existem espaços e condições de criarmos redes de apoio, que os abrace nessa trajetória universitária.

Sendo um caminho inicial de mobilização, a metodologia prevista era participativa, construída, num primeiro momento de formulação do projeto, através de perguntas para a comunidade acadêmica e externa em formulário online sobre os temas que são pertinentes para esse momento. Cordioli (2009) apresenta que “um processo participativo implica no respeito das ideias do grupo, sendo que todas as contribuições devem ser valorizadas[…]” (p.25). Contudo, não foi possível executarmos a metodologia dessa forma, uma vez que a participação nos formulários foi mínima, o que também é um sinalizador da importância dessas discussões, uma vez que ao pensar no movimento LGBTQIAP+ na estrutura social, no interior do norte do Tocantins é insuficiente esperar uma mobilização própria desse grupo social, onde existe diversos discursos que vão contra a existência dessas pessoas.

 Dessa forma, foram propostos encontros uma vez por mês, iniciando no mês de outubro de 2023, finalizando no mês de junho de 2024. Com encontros nos três centros universitários de Araguaína e os dois de Tocantinópolis, em Rodas de Escutas Terapêuticas, mediadas por uma psicóloga e utilizando ferramentas como as escutas terapêuticas em grupos, pensando em um acolhimento das demandas apresentadas, pensando a partir da construção da identidade, das redes de apoio pessoal, dos pontos de acolhimento com atendimento estudantil dentro da estrutura universitária. Infelizmente houve pouca participação da comunidade acadêmica, sendo um sintoma dos modos de pensar nesse cuidado mental e a dificuldade de mobilizar estudantes para a pauta da diversidade. Em Tocantinópolis, no Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS) houve o fortalecimento do Coletivo LGBTQIAPN+ Bruna Brasil, composto por servidores, estudantes e pessoas externas à universidade.

Entender a diversidade, e em especial às pessoas LGBTQIAPN+ carece da articulação de conhecimentos e pensamentos geradores de uma discussão interdisciplinar, sobre a sociedade, articulando por sua vez, seu entendimento de respeito, o processo de escuta e ainda a viabilização para a construção de um movimento fortalecido sabendo seus direitos e compreendendo a diversidade como algo norteador na vida social. Essa potencialidade de debates e discussões, e a escuta terapêutica dessa população é inovador dentro da instituição, uma vez que nunca foi realizado com a especificidade apontada.

1. **Considerações Finais**

Ter um suporte é importante para pensar a permanência estudantil na universidade, dessa forma, sendo uma provocação seminal para com esse grupo, no sentido de “agrupar-se” e dessa forma se fortalecer. Partindo ali de construções de redes que amparam e os fazem pensar em estruturas institucionais que estejam preparadas para acolher essa demanda universitária, desse grupo que por sua vez, nesse território é hostilizado por sua vivência. Pensar em projetos universitários que atuem ao encontro dessa articulação se faz necessário de modo a viabilizar a execução dos projetos, como o edital Cuidar, necessário para a execução desse projeto, cujo sem a os recursos seria mais difícil executá-lo.

A ideia central era o fortalecimento de estudantes LGBTQIAPN+ dentro da universidade com uma rede de apoio que viabilizasse a comunidade acadêmica discussões acerca do tema. Contudo, notamos que apenas no CEHS foram visivelmente articulados esses pontos, tendo em vista que, o Coletivo já conseguiu articular outros momentos de auto-organização e até de apresentação enquanto movimento em semana acadêmica, por exemplo, o que é importante ao pensar na diversidade, articulando os conhecimentos para que haja um entendimento local desse grupo, fortalecendo a existência dessas pessoas.

1. **Referências Bibliográficas**

BRASIL. Constituição da república federativa do Brasil, 1988.

BORTOLINI, A.; VIANNA, C. P. Política de Educação em gênero e diversidade sexual: Histórico e presente da experiência Brasileira. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 17, n. esp. 3, p. 2215-2234, nov. 2022.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Círculo do livro, 1994.

CORDIOLI, Sérgio. Enfoque Participativo: um processo de mudança: conceitos, instrumentos e aplicação prática. Ed. Genesis, Porto Alegre, 2019.

SIMÕES, Simone Cristina Silva. Concepções de gênero e sexualidade no curso de pedagogia UFMA/Codó: criando espirais de conhecimento com o olhar discente. 2020. 198 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação/CCSO) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

Santos, Dyane Brito Reis. Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. (Tese) Universidade Federal da Bahia, 2009.

**VI. Agradecimentos**

Agradecemos a Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários, por nos proporcionar o edital Cuidar.